COMO A CONSTRUÇÃO DE UM JORNAL DA ESCOLA PODE CONTRIBUIR PARA A INTERAÇÃO E O ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

SANDRA MEMARI TRAVA
E.E.Profa.Ayr Picanço Barbosa de Almeida
Stmemari @ ig.com.br

RESUMO

Tendo em vista que muitos alunos apresentam dificuldades de leitura e escrita, o presente projeto tem por objetivo analisar como a construção de um jornal da escola pode contribuir para o envolvimento e a interação dos alunos, professores, equipe gestora e comunidade, bem como a integração com as mídias presentes no dia a dia de nossos jovens. Os sujeitos envolvidos são alunos das 8ª séries e do 1º ano do ensino médio, professora pesquisadora e também responsável pela elaboração do jornal e professora coordenadora de uma escola estadual de ensino de São José dos Campos-SP. Como referencial teórico nos baseamos em autores da perspectiva histórico-cultural, Vigotski, Smolka e Góes, que enfatizam a importância das relações significativas com "o outro" para que ocorra a apropriação do conhecimento. Com relação às práticas discursivas e interativas escolhemos Bakhtin, que enfatiza o princípio dialógico, relacionado às práticas sociais e atividades humanas**.** Contribuem, ainda para esta pesquisa estudos sobre a atividade de leitura: Freire, Kleiman, Soares, Smolka, Góes, Nogueira, e em processos que emergem narrativas, Braga. Recorremos à abordagem qualitativa, do tipo etnográfico, caracterizada por uma observação participante, que se utiliza das anotações no diário de campo, reflexão dos relatórios das reuniões com alunos e professora pesquisadora, análise de questionários respondidos pelos alunos participantes da equipe de elaboração do jornal.

Palavras chaves: Interação, leitura, mídia, práticas de leitura

INTRODUÇÃO

Estudos no Brasil tem demonstrado grande interesse dos linguistas, sociólogos, historiadores e pesquisadores da educação sobre o tema leitura. É uma questão complexa e exige um olhar criterioso e ao mesmo tempo científico. Grande parte das abordagens sobre este tema tem foco nas diversas formas de leitura do texto. Muitas vezes ouvimos educadores dizerem que os alunos não leem e como consequência apresentam dificuldades na escrita. Vivemos em um mundo em que as informações estão cada vez mais rápidas, percebemos a necessidade de novas práticas pedagógicas que contribuam para o desenvolvimento da leitura e da escrita.

A visão trazida pelos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998) é que, na área de Língua Portuguesa, é preciso "garantir", de fato, a aprendizagem da leitura e da escrita. O aprendizado social da leitura deve proporcionar aos alunos oportunidades de aprender a ler e escrever. "É preciso que antecipem, que façam inferências, a partir do contexto ou conhecimento prévio que possuem, que verifiquem suas suposições – tanto em relação à escrita, propriamente, quanto ao significado" (PCN,1998, p.55-56). Mas será que nossas escolas estão priorizando práticas de leitura interativas?

De acordo com Freire (1998), é importante que os alunos sejam sujeitos do seu próprio aprendizado, a partir do seu contexto histórico social. O autor afirma que o processo de "[...] uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência de Mundo. (Freire, 1998, p.11).

A leitura muitas vezes é um processo árduo: exige concentração, atenção e perseverança pelos sujeitos envolvidos, o que ocorre algumas vezes é que a leitura proposta na/pela escola, não tem significado para o aluno. Também atividades de leitura proposta pelo professor como ler livros para prova, fazer resumos, relatórios ... em grande parte demonstram um discurso autoritário e punitivo, assumido, consciente ou inconscientemente pelo educador. Segundo Kleiman (2000), "[...] ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair sentido" (p.16).

De acordo com A. M. Chartier (1993), a leitura é uma questão social. É preciso investigar porque os alunos não gostam de ler: "[...] a questão nunca foi a de saber o que liam e como liam os alunos, e sim por que alguns não queiram ou não podiam ler" (p.19).

Desse modo, pensando nas práticas de leitura inseridas nas instituições escolares e como as atividades realizadas com jornal em sala de aula e outras mídias favorecem uma leitura crítica e discussões significativas sobre os textos envolvendo alunos, estes passam a ter uma leitura não só dos textos, mas do mundo que os rodeia, mostrando que "não existem jornais neutros, tampouco informações puras" (FARIA, 2004), priorizamos analisar o processo de construção de

um jornal escolar de uma Escola Estadual de São José dos Campos – SP, tendo a participação de alunos das 8ª séries Ensino Fundamental e 1º e 2º Ensino Médio, professora de língua portuguesa, também pesquisadora e professora coordenadora do Ensino Médio. Também buscamos de refletir sobre os conflitos e desafios que surgem neste percurso.

REFERENCIAL TEÓRICO

Está pesquisa está embasada na perspectiva histórico-cultural, nas elaborações de autores como Vigotski, Luria, Smolka e Góes, que enfatizam a importância das relações significativas com "o outro" para que ocorra a apropriação do conhecimento.

Para Vigotski, o desenvolvimento se dá a partir de relações sociais que se estabelecem na/pela linguagem, em processos denominados de "mediação" (pelo instrumento, pelo signo, pelo outro) e "internalização", em que ocorrem transformações, "[...] primeiro no nível social, e, depois no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica) e, depois no interior da criança (intrapsicológica)". (VIGOTSKI, 2003, p. 75).

Segundo Smolka (1985), em suas elaborações baseada nessa perspectiva, a linguagem se apresenta como forma de interação nas práticas discursivas. A linguagem se desenvolve e cria possibilidades de elaboração do pensamento. A "dimensão discursiva – mediação pela 'palavra' e a dimensão pedagógica – mediação pelo outro", são fatores relevantes que favorecem a emergência da linguagem nas diversas situações (Smolka, 1991).

Com relação às práticas discursivas e interativas, Bakhtin enfatiza a importância do princípio dialógico, relacionado às práticas sociais e atividades humanas. Na enunciação o outro está sempre presente (nem sempre fisicamente); os significados das palavras não são fixos, podem variar nas diferentes situações, de acordo com o contexto do sujeito. Bakhtin afirma que a língua é dinâmica e interativa:

> A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade de gêneros do discurso (orais e escritos), nos quais devemos incluir as breves réplicas do diálogo do cotidiano... (Bakhtin, 2003, p. 262).

Contribuiram ainda para esta pesquisa estudos sobre a atividade de leitura como forma de linguagem, como prática social (Chartier, Kleiman, Soares), de natureza relacional, discursiva e dialógica, que se estabelece na dinâmica das relações humana (Smolka, Góes, Nogueira**).** Em processos que fazem emergir narrativas (Larrosa, Braga) e em reflexões sobre a relação do trabalho do professor (Amigues).

METODOLOGIA

Utilizamos a abordagem qualitativa do tipo etnográfico. "Na medida em que o observador acompanha *In oco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às próprias ações (Lüdke e André, 2004, p. 26).

Foram realizadas algumas reuniões com a equipe do jornal e oficinas com o jornalista que trabalha em uma emissora conceituada do Vale do Paraíba. A equipe procurou se comunicar através de e-mails com a professora "elo" (professora de português e pesquisadora) que registrava em seu diário de campo as oficinas e suas reflexões.

UM POUCO DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO JORNAL

A elaboração do jornal escolar é uma prática adotada nesta escola por alguns professores de língua portuguesa, história e outros colaboradores. As publicações são espaçadas de acordo com a disponibilidade de patrocinadores. Em 2008, três edições foram publicadas, envolvendo empresas parceiras. Em 2010 a proposta é de publicar mais três edições, sendo que neste trabalho será analisada a produção da quarta edição.

A professora coordenadora do Ensino Médio convidou a professora de Língua Portuguesa para coordenar a elaboração de um jornal da escola. Esta, por sua vez, estendeu o convite para alguns alunos e assim foi se formando uma pequena equipe. Porém não foi tão simples, pois as atividades seriam realizadas em horário contrário ao de aula e alguns alunos alegaram que não dariam conta de realizar as atividades fora do seu horário, outros que não tinham tempo.

No entanto, formou-se uma equipe com 7 alunos; na primeira reunião os alunos se apresentaram e conversaram sobre a importância do jornal. Também participou desta reunião um ex-aluno da escola que está cursando comunicação, que contribuiu com algumas sugestões significativas. Em seguida definiu-se a pauta. Foram muito interessantes as discussões e a preocupação dos alunos com relação aos temas a serem abordados. Por fim foram decididos alguns temas e as tarefas foram distribuídas.

Ao nos referirmos aos alunos, utilizaremos as iniciais dos nomes fictícios. As alunas G, S, J, ficaram responsáveis em preparar e realizar a entrevista com a coordenadora Elisabete sobre a Gincana Cultural – Projeto Unibanco

G: Ficou responsável em entrevistar alguns participantes do evento e colher alguns depoimentos.

F: Iria providenciar o entretenimento.

H: Ficou responsável em providenciar um artigo sobre copa do Mundo. (estávamos na época dos jogos da copa do Mundo)

G: Programação do site Fundação Cultural

A: Pesquisar sobre os cinco filmes mais assistidos.

Combinou-se que a comunicação seria através de e-mail para a professora de língua portuguesa, que seria a responsável por esta edição.

OFICINAS COM O REPÓRTER

Foram realizadas oficinas com um jornalista de São José dos Campos. Como já citado acima, este repórter trabalha numa emissora bem conceituada do Vale do Paraíba. Nesta fase, a equipe do jornal já contava com um número maior de participantes, pois os próprios alunos divulgaram a participação na equipe e assim outros pediram para fazer parte.

A primeira oficina foi divida em dois momentos. No primeiro, o repórter relatou para o grupo um pouco de sua trajetória profissional e experiências. O que despertou interesse dos alunos e alguns questionamentos.

Num segundo momento trabalhou-se com atividades sobre as principais características da notícia, da manchete, e a estrutura do lide. De acordo com Nidelcoff, citado por Faria, o trabalho com os gêneros jornalísticos desenvolverá nos alunos:

> "... a capacidade de se informar; saber ler, escutar e ver; a capacidade de procurar informações, organizá-las e apresentá-la; a capacidade de relacionar diferentes fatos entre si; a capacidade desses alunos compreenderem as características do momento histórico que vivem e a inter-relação que existe entre diversos problemas contemporâneos" (Faria, 1992, p.101)

Essas oficinas oportunizaram também aos alunos uma interação maior com um profissional da área e uma experiência diferenciada com relação às questões relativas o jornalismo.

Pudemos perceber que alguns alunos apresentam dúvidas e anseios com relação à profissão a ser seguida.

No trecho abaixo trazemos a conversa entre uma aluna do 1º colegial com o repórter:

Aluna: A minha vontade é fazer jornalismo, mas toda a minha família diz para eu não fazer.

Jornalista: Não é bem assim, qualquer área você vai encontrar dificuldades. Se você quer fazer então faça.

Essa fala da aluna demonstra que o desejo de cursar jornalismo parece ser grande, mas em contraponto a voz da família nesse momento é mais forte. Como fazer algo que sua família não aprova? Como seguir seu desejo sem ir contra aos pensamentos da família?

Notamos que a "voz" da família como pais, mães, avós, pessoas que procuram ensinar-lhe a importância de certos valores está muito presente na historia desta jovem, são vozes que constituem sua identidade. De acordo com Bakhtin (1992), nossos enunciados estão repletos de fala dos outros, isto é, outros discursos que se formam consciente ou não, pois estamos inseridos num contexto de relações sociais e nossa consciência emerge no terreno social. Nesse sentido, notamos a preocupação da aluna de não ir contra aos valores que a família transmite.

Por outro lado aparece a "voz" de um jornalista:

Jornalista: Não é bem assim, qualquer área você vai encontrar dificuldades. Se você quer fazer então faça.

Percebemos a "Voz" de uma pessoa que está na profissão e que justifica a importância de seguir o desejo pessoal. *Se você quer fazer então faça*. Mesmo porque o jornalista contou sua trajetória de vida e como teve que se esforçar para chegar no lugar em que está. Os desafios dos estudos, do trabalho diário e o quanto teve que se dedicar para se realizar profissionalmente. Podemos notar que os discursos são coercitivos em muitos momentos de nossa vida.

> Se nos discursos falam vozes diversas que mostram a compreensão que cada classe ou segmento de classe tem do mundo, em um dado momento histórico, os discursos são, por definição, ideológicos, marcados por coerções sociais. (Barrios, 1999, p. 34)

CONFLITOS ENTRE A LINGUAGEM FORMAL E INFORMAL

Outro trecho que nos chamou atenção para discussão neste trabalho. A questão da linguagem formal e informal.

Em uma das oficinas realizadas, alguns alunos questionaram a questão da linguagem utilizada no jornal. Essas falas nos conduzem a refletir sobre os conflitos presentes na escola com relação à linguagem e as diferentes linguagens utilizadas pelos alunos fora da escola.

A - Você acha que o jornal sendo para jovens não tem que ter uma linguagem mais de jovens?

J - Como assim?

A - Com mais gírias e uma linguagem mais comum.

J - A linguagem não pode ser nem muito erudita nem muito simples. A notícia deve ser lida tanto pela classe A como C. O jornal será lido tanto pelos pais como pelas crianças do primário... Pode sim trazer notícias voltadas para os jovens como "Namoro na adolescência" ... Não deixando a qualidade do texto de lado.

Neste momento da oficina, os alunos se exaltaram e muitos questionaram a questão da linguagem, pois queriam uma escrita como costumam utilizar no msn, no orkut, uma linguagem que não fosse a padrão. O desejo de escrever sem regras, ou de uma forma mais próxima do contexto sócio-histórico em que estão inseridos.

Esses conflitos muitas vezes ocorrem também nas atividades realizadas em sala de aula, quando os alunos se expressam oralmente sobre determinados assuntos da notícia. De acordo com Faria (1992), "para impedir a participação caótica dos alunos, difícil de controlar, o professor deverá ter muito bem preparadas as perguntas que orientarão as análises e procurar ordenar a intervenção dos alunos ou das equipes" (p. 17).

A justificativa dada pelo jornalista foi aceita, quando ele alegou que a linguagem culta-deve estar presente no processo de elaboração do jornal, pois a leitura seria feita por várias pessoas de diferentes classes sociais. Não poderia ser uma linguagem muito culta, nem muito informal, pois deveria atender a todos os níveis de pessoas desde a criança do primário até o pai de aluno mais intelectual. Dessa forma um jornal escrito em gírias iria atender apenas a um tipo de público e isso não era a proposta da equipe.

Um dos alunos se referiu ao jornal no diminutivo e a resposta do jornalista foi:

J - Nunca fale jornalzinho. Sempre jornal da escola. Quando se usa a palavra no diminutivo pode dar um sentido de falta de importância. E o jornal é algo construído pelos alunos.

A palavra "jornalzinho" no diminutivo pode dar, sim, o sentido de algo que não tem muita importância. E ele reforça que mesmo sendo um jornal escolar tem grande significado, pois está sendo construído pelo grupo. Algo que está sendo trabalhado em conjunto com os integrantes da equipe, que precisa ser valorizado.

> Melo propõe o jornal escolar, não como uma imitação da grande imprensa, mas como um espaço para os alunos expressarem seus conflitos e interesses e levá-los 'à percepção do espaço em que vi-vem', concluindo, como H.Romian, que o jornal escolar é uma abertura de espaço efetivo para a liberdade do aluno dentro da escola". (Faria, 1994)

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O trabalho com jornal escolar contribui muito para o desenvolvimento da leitura e da escrita, bem como para a identificação dos diversos tipos e gêneros textuais presentes no campo jornalístico. Ao término da quarta edição do jornal, os alunos ficaram orgulhosos com o resultado final e já estavam dispostos a elaborar a próxima edição.

Este tipo de atividade escolar reforça a idéia de que o professor precisa buscar outras propostas que incentivem a criatividade e o desenvolvimento crítico dos alunos. O sentido da leitura não é único e não é dado. O sentido é constituído na interação. O professor na construção de um jornal torna-se peça fundamental como mediador das atividades.

> A relação entre o sujeito-leitor e o texto não é, pois, nem direta, nem mecânica. Ela pás sa por mediações, por determinações de muitas e variadas espécies que são a sua experiência da linguagem. Nem tampouco se pode separar de forma estanque, a historicidade do texto e a do leitor. (Orlandi, 2000,p. 72)

A proposta de construção de um jornal escolar abre espaço para a emergência dos processos interativos e discursivos em torno do texto, bem como o envolvimento do aluno no universo da leitura, da cultura e das tecnologias.

REFERÊNCIAS BILIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza. *A etnografia da prática* escolar. Campinas (SP): Papirus, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. "Estudos da ideologia e filosofia da linguagem". In: *Marxismo e filosofia da linguagem.* Tradução de Michael Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CHARTIER, A.M. Leitura escolar: entre pedagogia e sociologia. Tradução de Andréa Daher. *Revista brasileira de Educação.* Set/out/Nov/dez, 1995.

FARIA, Maria Alice de Oliveira. *O jornal em sala de aula.* 4ª Ed. São Paulo: Contexto, 1992.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.* Campinas: Autores associados; Sã Paulo: Cortez, 1988.

KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística*. São Paulo: Ática, 1995.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de Leitura*. Campinas (SP): Pontes, 2000.

_____. *Os significados do letramento*. Campinas (SP): Mercado das Letras, 2001.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 2004.

LURIA, Alexander Romanovich. "A atividade consciente do homem e suas raízes históricas sociais". In: *Curso de psicologia geral*. vol. 1. Tradução Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Os gêneros escolares das práticas de linguagem aos objetos de ensino*. Revista Educação n. 11, 1999.

SMOLKA, Ana Luiza B. A prática discursiva na sala de aula e um esboço de análise. *Cadernos Cedes*, n.º 24, Campinas, 1991.

_____. A concepção de Linguagem como instrumento: um questionamento sobre práticas discursivas e educação forma, p. 11-21. *Temas em psicologia*, n.º 2, Campinas, 1995.

_____. Sentido e Significado, p. 35-49. In: *Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano.* ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; AMORIM, Kátia de Souza; SILVA, Ana Paula Soares da; CARVALHO, Ana Maria Almeida (Orgs.). Porti Alegre: Artmed, 2004.

ORLANDI, Eni P. O inteligível, o interpretável e o compreensível. In: *Leitura perspectivas Interdisciplinares*. SILVA, Ezequiel Theodoro; ZILBERMAN, Regina (orgs). São Paulo: Editor Ática, 1991, 2000.

VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Educação e Sociedade*. Manuscrito de 1929. Ano XXI, n.º 71, p. 21-44, jul. 2000.